

Nova York, 6 de abril de 1966

Meu Caro César Prates:

Sua carta foi como que um programa de televisão para mim.

Acompanhei-o na varanda do Catetinho, diante da paisagem do Planalto, sonhando os mesmos sonhos que nos animaram na fase heróica do início da construção da Nova Capital.

Tenho bem em conta o que representou naquela hora a aventura de um pequeno grupo de pioneiros cuja lembrança, gravada no bronze, ficará perpetuando o esforço dos meus dedicados amigos.

Considero o Catetinho e a luta que vocês realizaram a primeira semente que deitamos no Planalto Brasileiro.

Nunca deixei de pensar sobre estes episódios, mesmo quando me via cercado pelo carinho e pela amizade de vocês.

Imagine agora como esta idéia não me sairá da cabeça, vivendo num meio indiferente ao nosso destino, ignorando o que fizemos e constantemente açoitados por um frio que não tem fim.

O céu azul que se arqueia sobre o Catetinho é uma das luzes mais belas que recebi sobre a minha cabeça.

De dia o azul profundo e de noite as estrelas a piscar sem pausa.

Estou aqui, num escritório rívido de Manhattan, sem violão e sem whisky, sem luar e sem a paisagem familiar aos meus olhos, e mesmo assim me deixei contagiar pela beleza de sua carta, pela manifestação de sua alma tão poética e pela sensibilidade que foi sempre o traço mais simpático e encantador de seu caráter.

Depois do quinto whisky a Granada¹ estremecia os nossos ouvidos com a beleza de sua voz.

As luzes que nós fizemos acender pela primeira vez no deserto brasileiro foram saudadas pela sua voz, pelos seus cantos e pela magia de suas serenatas.

Depois de dois anos de uma peregrinação triste e desalentadora, tenho ainda uma reserva de coragem para esperar dias melhores, e estes só virão quando tiver ao meu lado os meus velhos amigos que, como você, não deixaram apagar nunca a chama palpitante de uma amizade que é o meu maior tesouro e privilégio.

Muito obrigado por sua carta.

Vá conservando a voz para as noites que ainda nos aguardam diante desse céu imenso e profundo.

Cansai de evocar. Quero agora viver.

Espere-me para continuarmos o que a maldade dos homens quis interromper.

Um abraço muito afetuoso do

Pro caso Albin
Luz
do
C. S. V.

Juscelino